Revista Macambira
Laboratório de Políticas Públicas, Ruralidades e Desenvolvimento Territorial (LaPPRuDes)
APRESENTAÇÃO
https://doi.org/10.35642/rm.v6i1.730

DOSSIÊ MEMÓRIAS, FAMÍLIA E ANCESTRALIDADE NO CAMPO/ROÇA: as idas e vindas autobiográficas por histórias do passado e suas reverberações no presente

ANTONIO JOSÉ DE SOUZA[1], ANA MARIA ANUNCIAÇÃO DA SILVA[2], HERON FERREIRA SOUZA[3]

1- Universidade Católica do Salvador. Secretaria Municipal de Educação de Itiúba (BA); E-mail: tonnysouza@gmail.com; 2- Universidade do Estado da Bahia. Secretaria Municipal de Educação de Ichu (BA). E-mail: annaichu@hotmail.com; 3- Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano. Editor Chefe Revista Macambira. E-mail: heronifbaiano@gmail.com

> "[...] registros memorialísticos oralizados por membros da família [...], oportunizam o acesso às raízes identitárias que estão fincadas no passado, representando uma importante herança existencial [...]."
> (SOUZA, 2022a, p. 47)

A epígrafe sintetiza a posposta deste Dossiê pela menção à memória vocalizada em primeira pessoa sobre pessoas familiares do passado (vivas ou mortas), reverberantes no presente existencial e, a isso, chamamos de ancestralidade. Mas, o que buscamos quando veneramos os nossos ancestrais? Tal questão é tomada de empréstimo do historiador André Bueno (2022), o qual, em um estudo sobre a ancestralidade na China, demonstra o quanto os espíritos dos falecidos constituem a base do clã e da Comunidade "[...] formando os membros que deram origem a sociedade [...] existindo os antepassados da família, da comunidade, e em escala macrocósmica, os antepassados fundadores da nação e do Estado Imperial." (BUENO, 2022, p. 28). Para o mencionado pesquisador, a veneração à ancestralidade juntura a pessoa com o surgimento da Cultura; assim, no caso chinês, tinha-se a crença de que:

> [...] os ancestrais não apenas fundaram a civilização, mas também protegiam a família, a comunidade e o país. [...] Por essa razão, desde a antiguidade, o sentido de existir chinês seria dado pela genealogia familiar que insere uma pessoa dentro do mundo e de sua comunidade. (BUENO, 2022, p. 29)

Entendemos que a veneração aos ancestrais de lá, assemelha-se à veneração que se faz aqui. Dadas as devidas proporções, no Sertão nordestino é, ainda, forte o sentido de existência pelo território (o chão, o lugar) e a família (os familiares vivos e os mortos). Um vínculo ao "tronco" familiar, mesmo quando em "desterro" subjetivo-e-objetivo ou entre idas e vindas nesses âmbitos existenciais. A nossa veneração à ancestralidade é corroborada por Silva e Souza (2022) na pesquisa-memorialística a partir do quintal da Rezadeira-negra do Sertão baiano, D. Rami, que aprendera os mistérios e transcendências das ervas e plantas quando criança, através da mentoria da Avó. Contam-nos os autores:

> D. Rami teve a oportunidade de falar sobre si-mesma por meio da lembrança de uma história de vida que envolve o encontro com os 'outros'. Falou, também, dos conhecimentos herdados da avó, do seu protagonismo comunitário e da corporeidade (em-si) de um patrimônio imaterial, oriundo da tradição ancestral – seus(suas) antepassados(as). [...] a visita ao quintal de D. Rami se descortinou em uma experiência a partir das rezas como um legado ancestral e um patrimônio cultural da comunidade [...] [relevando o] contexto histórico local, possibilitando conhecer e reconhecer as práticas e as vivências das rezas, atravessadas pelas dimensões culturais, identitárias, antirracistas e agroecológicas. (SILVA; SOUZA, 2022, p. 43, grifo dos autores)

Nessa perspectiva, os artigos, aqui, apresentam a peculiaridade da escrita engajada das autoras e dos autores; aglutinando os olhares, os sentidos e as experiências vividas no campo/roça cujas particularidades e similaridades contribuem para a compreensão da família como objeto que concerne à reprodução da vida, às subjetivações, às identidades e às conflitualidades experienciadas nos processos de existir/existindo.

De modo geral, as(os) autoras(es) refletem e problematizam questões para além da família, da comunidade e do mundo objetivo cá-de-fora, pois catapultam as(os) leitoras(es) aos "compartimentos" interiores, subjetivando a objetividade. Desse modo, tratam sobre as formas como eram/são vistas(os) pelos de fora (da cidade) e como, nesse movimento, foram/vão elaborando suas identidades e relação (de pertencimento ou distanciamento) com o campo/roça, isto é: o campo/roça visto como lugar ou um "não-lugar" (AUGÉ, 2012).

Nas contradições evidenciadas e no movimento das pessoas que vão produzindo-se na produção da existência, o campo/roça foi sendo compreendido como território de vida (moradia, trabalho, cultura, lazer, escolarização, organização política) e lugar de direitos que devem ser garantidos pelo Estado. Os relatos trazem a marca da denúncia e do anúncio, como diria Paulo Freire, à medida que reconhecem as negações, os estereótipos que marcam os povos do campo/roça; mas, também, anunciam as tramas das mulheres e dos homens que têm no território da vida a matriz referencial para a construção das táticas, vivências, lutas e resistências. O movimento de reconhecer a própria produção da vida na relação com o mundo, pela escrita de si e do outro na forma (auto)reflexiva (eu com os outros – eu como um outro), traduz o percurso das autoras(es) implicadas(os) na transformação de seus territórios de vida e existência. Portanto, vale destacar que a proposta do referido Dossiê passou pelo registro memorialístico, como dito na epígrafe, das raízes identitárias fincadas no passado (SOUZA, 2022a) que, embora não tenham sido escolhidas por nossa liberdade, representam:

> [...] uma importante herança existencial de forte significação para as possibilidades de ser [tornar-se] pessoa na sociedade. Daí o propósito de tomar a família como uma categoria [privilegiada na] compreensão da relação entre a ancestralidade situada no campo/roça (objetividade) e as subjetividades de quem, [mesmo] vivendo [fora do] campo/roça, sente-se vinculados(as) ao 'tronco' dos(as) predecessores(as) (pais, avós e bisavós), responsáveis por abrir caminhos para que fosse possível 'tornar-se' pessoa consciente 'de si' próprio(a). Ademais, a justificativa para a reunião de tais temáticas neste estudo desemboca na urgência de uma História da História através do estudo implicado que, pretendendo retomar o plano do vivido, refletido no pertencimento e convívio singular junto da família/familiares, acaba por vocalizar a palavra de quem foi esquecido(a) por uma História que não nos contou sobre os povos do campo/roça. (SOUZA, 2022a, p. 47, grifos do autor)

Este Dossiê é um trabalho corporificado em palavras oriundas da memória e, por isso, assume o Método (Auto)Biográfico no diálogo crítico-reflexivo sobre as histórias de vida e os territórios de vida das(os) partícipes envolvidas(os), apontando-nos importantes contribuições metodológicas para a construção de uma "teoria encarnada" ou situada na práxis da vida (ação-reflexão-ação); aspecto extremamente importante para a formação continuada de professores(as) do campo/roça, mas não restrito a estes(as). Dito isso, consideramos o resultado final enquanto consequência de uma concepção coletiva, afinal, feita por muitas mãos; ao passo que admitimos sua contribuição ímpar para a Revista Macambira, oferecendo-nos apontamentos provocativos para processos formativos e fontes de inspiração para futuras pesquisas.

Concluído este prólogo, entraremos, a partir de agora, nas apresentações dos trabalhos que compõem o Dossiê *Memórias, família e ancestralidade no campo/roça: as idas e vindas autobiográficas por histórias do passado e suas reverberações no presente*. Mas, antes, um adendo... o Dossiê está organizado por três seções, a saber:

A primeira é o *Editorial*, escrito pela Professora Doutora **Elaine Pedreira Rabinovich** no qual lança mão de uma pesquisa (auto)etnográfica sobre as raízes ancestrais da sua família, bem como recorre a sua vasta experiência junto ao grupo de Pesquisa Família, (Auto)Biografia e Poética (FABEP) vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Família na Sociedade Contemporânea da Universidade Católica do Salvador (UCSal); a fim de introduzir o tema deste Dossiê.

A segunda seção é chamada de *Artigos-Memoriais* por serem originários da (auto)análise acerca das memórias pessoais e familiares das(os) próprias(os) autoras(es) ou de uma(um) delas(es). Vejamos:

No texto *'Sentidos e costuras de uma mulher negra na/da roça'*, **Ana Maria Anunciação da Silva**, **Antonio José de Souza** e **Rosane Meire Vieira de Jesus** alinhavam um bem-feito acolchoado com linhas das existências (em plural mesmo) da primeira autora – narradora-protagonista e cicerone dos caminhos-de-si. As autoras (o autor), à luz do vivido, refletem sobre a construção da História de uma vida entre muitas vidas reverberadas na pertença do campo/roça. Assim, nos contornos agroecológicos e nas resistências de uma negritude afirmada, a contação de-si (de-nós) é um reencontro em tom de prosa na 'boca da noite' entre café torrado no pilão e o calor da presença no mundo.

Em *'Sankofear para continuar: memória ancestral negra e indígena presente no Povoado Terreirão, Muniz Ferreira/Ba'*, **Eva Dayane Jesus dos Santos** mergulha fundo nas memórias familiares e comunitárias com o objetivo de emergir, trazendo-nos os elementos identitários encravados na existência negra-indígena. A autora faz essa revelação de modo simples e pedagógico. Ensinando-nos sobre plantas, ervas, sementes, rituais de vida e de morte – ritos de cura compartilhados enquanto narra 'de si' e 'de nós'.

Fabiane Pinto da Silva e **Virgínia Araújo Lima Santana**, no artigo *'Espinhos, Frutos e Flor: narrativas das experiências de uma mulher do Campo/Roça no Sertão Baiano'*, alimentadas pela memória, registram as experiências da infância da primeira autora na casa artesanal. Revelam o cotidiano de criatividade e desafios, e testemunham o resistir em meio aos espinhos. Apresentam uma menina que brota como flor, frutificando em solo árido e transformando-se em mulher tal uma "árvore de raízes profundas". O tempo e a coragem permitem o tornar-se professora, mãe, historiadora, e, como acadêmica, busca entender como a escola e sua cultura organizacional dialogam com o território de vida no lugar em que está situada.

Paulo José Pereira dos Santos e **Antonio José de Souza** dão um tom de conversa ao estudo *'A consciência de-si na relação família-escola'*. Ao olhar o vivido à luz das suas identidades de professores-pesquisadores, fazem uma análise "microscópica" das memórias, vivências e aprendizagens que atravessam, especialmente o primeiro autor, e se entrelaçam ao processo educativo estabelecido na família-escola. Tecem

importante reflexão sobre a dimensão educativa da família como 'lugar das próprias raízes', destacando-a tal um anfiteatro central para a formação da pessoa no mundo. Ao apresentarem a perspectiva do si-mesmo, narram um eu-coletivo na esteira da ancestralidade, destacando a fundamental parceria que precisa acontecer entre família-escola na díade aprender-e-ensinar.

No escrito *'Enraizada na consciência de-mim-mesma: narrativa de uma pesquisadora, docente, mulher da roça*', **Raimunda Pereira da Silva (Rai)** deixa-se flagrar nas passagens de caráter pessoal. Faz isso com a naturalidade de quem conversa sobre o desabrochar de uma flor no campo. Sem dúvida, há o desabrochar de uma criança elaborando sentidos, significados e enraizamentos enquanto caminha pelas veredas abertas do Ser-tão. Há o ser-tão-desabrochado na mulher-professora que abre os seus próprios caminhos com o conhecimento na mão, a consciência de si-mesma e com a memória do seu povo-familiar: a comunidade da Serra de Itiúba/BA.

Teresa Regina dos Santos Mattos oferece-nos, através do relato memorialístico *'Ser do rural-roça-campo: elucidando as origens da identidade em ruralidades'*, uma reflexão a partir da interrogação 'como me tornei um ser do rural-roça-campo?'. Ao respondê-la, a autora abre o acesso às memórias de sua infância em família situada na metrópole; ressaltando a figura materna como o elemento-chave da identificação com os aspectos constitutivos da subjetividade-objetivada nas ruralidades herdadas.

Encerrando esta seção, **Valdir Ferreira Alves**, em *'Memória, caminho, encanto: meu encontro com a Educação do Campo'*, refaz o percurso vivido, "a lida na roça" e as temporalidades. Reconhece o trabalho realizado no campo, no cotidiano com a família, enquanto princípio educativo. O autor é intérprete de suas histórias, do seu povo e da comunidade, descrevendo a resistência adquirida diante das dificuldades e ausências e confirma a função social da escola a partir de suas percepções e significados construídos. Sem dúvida, um testemunho da própria experiência formativa como pedagogo e educador popular.

Finalmente, a derradeira seção: a dos *Artigos*, que trazem na sua estrutura o propósito quase ensaístico por evocar uma espécie de 'liberdade' tão comum à Literatura. Assim sendo, abrem caminhos reflexivos e argumentativos a partir do que já fora dito sem negligenciarem a expressão pessoal de contar/explicar as coisas do mundo nas especificidades do campo/roça (ADORNO, 2003; SOUZA, 2022b). São eles:

A pesquisa *'Histórias de vida entrelaçadas por caminhos (Auto)Biográficos'* de **Ana Maria Anunciação da Silva** e **Antonio José de Souza**, que é uma análise sobre os percursos formativos da profissão docente de três professoras no campo/roça, convidando-as a desvelarem, uma para as outras, suas histórias de vida. Com isso, por meio da partilha e 'escuta sensível' de-si e das outras, elas percebem suas identidades e culturas entrelaçadas. A revelação de seus percursos de vida permitiu-lhes lançar novos olhares e percepções acerca de-si-mesmas e das outras; refletindo sobre os saberes da vida no campo/roça silenciados e sobre o quanto esses saberes estão vinculados às suas identidades profissionais.

'Um negrogay lançado no sertão baiano: reflexões sobre a família e o existencialismo' é uma parte da pesquisa feita por **Antonio José de Souza** no âmbito do seu Doutorado. Trata-se de uma emocionante narrativa sabidamente difícil e reveladora das existências do ser-negro-gay. Por meio de uma singularidade teórica, escrita encarnada e lírica, o autor expressa seu compromisso ético, identitário, político e social, encharcado pela potencialidade (Auto)Biográfica, desvelando a história de vida do personagem protagonista, Rubião Bovary, que, confrontado a enfrentar os "demônios" existenciais, desloca-se entre o asfixiar-se na imagem destorcida de-si-mesmo e o afã de respirar o direito de ser-diferente.

Edilene Alcântara Ribeiro Rios, no artigo '*Imagens do sertão: das trazidas na memória às midiatizadas e suas reverberações em práticas de sala de aula'*, aborda com competência os aspectos dos artefatos visuais circundantes e responsáveis pelas compreensões simplistas quanto uniformizantes do sertão nordestino. A autora enxerta no trabalho elementos da sua própria história de vida-formação e experiências pessoais na docência em regiões rurais do sertão baiano, fazendo do texto um emaranhado-dialógico entre imagens e culturas; enquanto discorre sobre a Cultura Visual, importante campo de estudo contemporâneo.

No trabalho intitulado *O (ser)tão de Santaluz: leituras geo-literárias na escola a partir do romance "As aparições de Dr. Salu e outras histórias", de Guido Guerra'*, **Maria Aparecida de Oliveira Gordiano**, **Ely Makeise Araújo dos Santos Martins** e **Adriano Eysen Rego** elaboram uma reflexão crítica fincada no diálogo geo-literário, lançando luz ao processo de ensino-aprendizagem (contextualizado) da Geografia no município de Santaluz/BA. Nesse artigo, têm-se, a reboque da Literatura, questões locais respingadas por acontecimentos históricos; bem como a elucidação do conceito de lugar e de paisagem pelos meandros da Geografia Humana e Cultural, enfatizando a construção identitária e o pertencimento de quem tem sua existência situada no (ser)tão baiano.

Por fim (mas, não menos importante) **Moisés Leal Morais** apresenta-nos um texto-pesquisa: *'Acesso à educação e os sentidos para a escolarização primária na zona rural de Itabaianinha (SE) em meados do século XX*. Trata-se de uma expressiva contribuição para a área educacional e social; conjeturando sobre um passado que reverbera no presente, através da dimensão subjetiva de mulheres e homens. Trata-se de uma escrita que aguça o olhar, ao evidenciar uma robusta análise acerca dos desafios, avanços e resistências de um povo situado no contexto do campo/roça, alicerçado na cultura e no vivido das experiências que se transformaram em conhecimentos potenciais na vida e formação. É animador um texto sobre os sentidos da Educação pela voz dos próprios sujeitos a quem ela (a Educação) se destina.

Ótima leitura/estudo.

É o que desejamos às(aos) leitoras(es)!

Os Organizadores e o

Editor-chefe

Referências

ADORNO, Theodor W. **Notas de literatura I**. Tradução e apresentação: Jorge M. B. de Almeida. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2003.

AUGÉ, Marc. **Não-lugares**: introdução a uma antropologia da supermodernidade. Tradução de Maria Lúcia Pereira. Campinas, SP: Papirus, 2012.

BUENO, André. Quem eu busco quando venero meus ancestrais? Um ensaio sobre a ancestralidade na China. *In*: BUENO, André (org.). Novos Estudos em Extremo Oriente. 1ª Ed. Rio de Janeiro: Proj. Orientalismo/ UERJ, 2022. p. 27-33.

SILVA, Ana Maria Anunciação da; SOUZA, Antonio José de. Relato da aula: no quintal de dona Rami tem saberes, segredos e história. *In:* GAYO, Clarice E.; SATLER, Carla F. da Silva (Orgs.). **Ensinar História**: Etnicidades. Rio de Janeiro: Proj. Ori./Ed. Esp. Sobre Ontens/UERJ, 2022. p. 40-45.

SOUZA, Antonio José de. A família como objeto da História na Educação do Campo/roça para Convivência com o Semiárido. *In*: CREMA, Everton; MARTIN, Nilson Javier Ibagón (Orgs.). **Ensinar História**: Aprendizagens. Rio de Janeiro: Proj. Ori./Ed. Esp. Sobre Ontens/UERJ, 2022a. p. 45-53.

SOUZA, Antonio José de. Tornar-se mulher-lésbica-idosa: reflexões a partir do Existencialismo. *In:* SILVA, Fernanda Priscila Alves da; RABINOVICH, Elaine Pedreira; CARDOSO, Lorena Márcia Nascimento. (Orgs.). **Envelhecimento & Sexualidade**. Curitiba: Editora CRV, 2022b. p. 79-90.

Como citar este artigo

Souza, A. J. de; Silva, A. M. A. da; Souza, H. F., (2022). Dossiê memórias, família e ancestralidade no campo/roça: as idas e vindas autobiográficas por histórias do passado e suas reverberações no presente. **Revista Macambira**, 6(1), e061010. DOI: https://doi.org/10.35642/rm.v6i1.730.

Contribuição dos autores:

Autor 1 – Coordenador da proposta, participação ativa na escrita e revisão final.
Autor 2 – Participação ativa na escrita e revisão final.
Autor 3 – Participação ativa na escrita e revisão final.

Licença:

Este trabalho está licenciado sob uma Licença Internacional Creative Commons Attribution-NonCommercial-ShareAlike 4.0 International .